

ICOM 2013

José Victor das Neves (8619196)

Ulpiano Bezerra de Menezes coloca em sua conferência *O museu e a condição humana* a importância da corporeidade na relação entre o museu e o público alertando para a focalização maior nos textos de explicação das obras em detrimento do material devidamente exposto, incorrendo ao risco de uma racionalização excessiva da obra de arte. A abrangência desse conceito de corporeidade, no entanto, transcende o espaço museológico, nos levando a refletir sobre o próprio caráter de nossa relação com o mundo.

Nesse sentido, a referida condição humana é corporal, o que não significa uma recusa do espiritualismo. A oposição entre razão e afetividade, lógica e mágica, espírito e matéria, como coloca Ulpiano, fundamentam a cultura ocidental, mas devemos questionar se essa distinção é válida ou mesmo possível.

José Wisnik, por sua vez, apresenta a proposta do Museu da Língua Portuguesa em São Paulo, através de incursões por várias formas de expressão artística, como o rap, o samba, a poesia de Augusto dos Anjos, Castro Alves, a prosa de Clarice, entre outros.

A reflexão gira em torno do público com deficiência de letramento e seu acesso a museus, o que justifica o caráter interativo do Museu da Língua, em busca de uma versatilidade e plasticidade capazes de cruzar continuamente a fronteira estabelecida entre o erudito e o popular.

Wisnik alerta para o problema da escola ter enrijecido a literatura e a colocado como “texto canônico parado no tempo”, demonstrando aspectos da cultura brasileira que não obedecem a normatização da cultura dita “alta” e a “baixa”. Consegue, assim, estabelecer uma confluência de linguagens, que colocam em pauta a diversidade da língua e da cultura nas suas mais variadas manifestações.

“Vamos ao museu não para ver artefatos, mas para ver a nós mesmos como inventores do tempo” é uma das primeiras frases de Mia Couto em sua fala sobre *Os tempos que há no tempo*. Explorando sua própria vida em Moçambique, suas experiências pessoais e sua vivência, estabelece uma discussão acerca da afetividade em jogo quando estamos no museu.

Os museus devem evitar a elitização, devem evitar ser “templos do tempo” e precisam fornecer uma experiência reflexiva capaz de nos fazer questionar sobre o que se propõe, num mundo que nos torna cada vez mais “ausentes de nós próprios”.

Jorge Melguizo, em sua fala, estabelece três momentos de reflexão durante a ida a uma exposição: o momento de antes da entrada, dentro dela e quando a deixamos. Antes de entrar no

museu, a incerteza. A expectativa deve nos preparar para as possibilidades de fruição de uma exposição. Dentro do museu, devemos refletir sobre as perguntas que fazemos ao longo do percurso: “que perguntas nos fazemos?”. Finalmente, fora do museu devemos sair com muitos questionamentos, capazes de nos instigar a refletir criticamente.

Melguizo tem a preocupação com as políticas sociais de cultura, concebendo esta como de livre acesso e direito. O museu deve ser espaço de encontro, deve conter várias histórias, ser vários museus ao mesmo tempo, ou seja, deve dar conta da diversidade e ser capaz de fazer parte da vida das pessoas. “A rua deve entrar no museu e o museu deve entrar na rua”.

A curadoria, nesse sentido, tem um papel fundamental: o curador deve conhecer melhor a comunidade em que vive do que a coleção de arte que dispõe, escapando de uma “ditadura estética” enrijecedora. Portanto, não há neutralidade nem objetividade numa exposição: ela é sempre resultado de uma proposta de reflexão, inclusão e cidadania dada aos espectadores.

Seja na proposta de Ulpiano em fruir corporalmente o museu, que dialoga fortemente com uma relação bastante subjetiva e afetiva colocada por Mia Couto, seja na multiplicidade de linguagens e horizontalização apontada por Wisnik ou na análise política e social de Melguizo, se sobressai o papel da crítica induzido pelo espaço museológico. O questionamento sobre “qual a nossa incidência sobre a sociedade”, colocado por Melguizo, deve ser buscado por nós enquanto espectadores e pelos curadores das exposições enquanto mediadores, reforçando a responsabilidade do museu e do nosso papel cidadão de refletir sobre a sociedade, a arte e nós mesmos.

REFERÊNCIAS

O Museu e a condição humana: o horizonte sensorial – Ulpiano Bezerra de Menezes

O que deve acontecer quando você sai do museu? – Jorge Melguizo

Museu da Língua Portuguesa – José Wisnik

Os tempos que há no tempo – Mia Couto